

AMELIA



Fevereiro de 2020

O meu marido não me reconhece o rosto.

Sinto-o a olhar para mim enquanto conduzo, e pergunto-me o que estará a ver. Não há mais ninguém que lhe pareça familiar, é verdade, mas não deixa de ser estranho que o homem com quem casei não fosse capaz de me identificar numa sessão de reconhecimento presencial na polícia.

Sei qual é a expressão que tem no rosto sem ter de olhar para o lado. Está naquela versão rabugenta e petulante que diz «eu avisei-te», pelo que prefiro concentrar-me na estrada. É o que tenho de fazer. A neve começou a cair com mais intensidade. Parece que estou a conduzir numa tempestade, e as escovas limpa-vidros do meu Morris Minor Traveller estão a ter dificuldade em dar conta da situação. O carro foi feito em 1978, tal como eu. Se cuidarmos bem das coisas, elas duram uma vida inteira, mas eu desconfio que o meu marido poderá querer trocar-nos a ambos por um modelo mais novo. O Adam já testou o cinto de segurança cem vezes desde que saímos de casa e tem as mãos

fechadas em punhos no colo. Esta viagem de Londres para a Escócia não deveria ter demorado mais do que oito horas, mas eu não me atrevo a conduzir mais depressa com esta tempestade. No entanto, está a começar a ficar escuro e tenho a sensação de que estamos perdidos em mais do que um sentido.

Poderá um fim de semana fora salvar um casamento? Foi esta a pergunta que o meu marido fez quando a terapeuta o sugeriu. Sempre que estas palavras me vêm à memória, há toda uma lista de arrependimentos que se escreve sozinha na minha cabeça. Termos perdido uma parte tão grande das nossas vidas por não as termos vivido a sério traz-me uma enorme tristeza. Não fomos sempre as pessoas que somos agora, mas as nossas memórias do passado podem fazer-nos mentirosos a todos. É por isso que eu me estou a focar no futuro. No meu futuro. Às vezes ainda o imagino nele, mas há momentos em que imagino como seria voltar a estar sozinha. Não é o que eu quero, mas pergunto-me se não será o melhor para ambos. O tempo pode mudar relacionamentos como o mar faz com a areia.

O Adam disse que devíamos adiar esta viagem quando vimos os avisos meteorológicos, mas eu não fui capaz de o fazer. Ambos sabemos que este fim de semana é uma última oportunidade que temos para corrigir as coisas. Ou, pelo menos, para tentarmos. Ele não se esqueceu *disso*.

O meu marido não tem culpa de se esquecer de quem eu sou.

O Adam tem uma disfunção neurológica chamada prosopagnosia, o que significa que não é capaz de distinguir traços em rostos, incluindo no dele próprio. Já passou por mim na rua mais do que uma vez como se eu fosse uma estranha. A ansiedade social que o problema provoca afeta-nos a ambos. O Adam pode estar rodeado de amigos numa festa e, ainda assim, sentir que não conhece uma única pessoa na sala. Por isso, passamos muito tempo sozinhos. Juntos, mas distantes. Só nós. A cegueira facial não é a única forma de o meu marido me fazer sentir invisível. Ele não queria ter filhos, sempre disse que não suportava a ideia de não lhes reconhecer os rostos. Viveu com este distúrbio a vida inteira e eu vivo com ele desde que nos conhecemos. Às vezes, há males que vêm por bem.

O meu marido pode não conhecer o meu rosto, mas aprendeu a reconhecer-me de outras formas: o aroma do meu perfume, o som da minha voz, a sensação da minha mão na dele quando ainda dávamos as mãos.

Os casamentos não fracassam, as pessoas sim.

Eu não sou a mulher por quem ele se apaixonou há tantos anos. Pergunto-me se ele perceberá o quanto envelheci. Ou se nota na infiltração de cãs no meu cabelo loiro comprido. Os quarenta podem ser os novos trinta, mas tenho a pele vincada com rugas que raramente foram provocadas por riso. Tínhamos tanto em comum no passado, partilhávamos segredos e sonhos, não apenas uma cama. Ainda terminamos as frases um do outro, mas, nos dias que correm, não com o que o outro ia dizer.

— Tenho a sensação de que estamos a andar às voltas — murmura ele, baixinho, e, por um momento, não sei se está a falar do nosso casamento ou do meu sentido de orientação na estrada. O céu negro e assustador parece refletir-lhe o humor, e é a primeira vez que fala em vários quilómetros. A neve assentou na estrada à nossa frente e o vento está a aumentar, mas não se compara com a tempestade que está a preparar-se dentro do carro.

— Podes ver se encontras as direções que eu imprimi e lê-las outra vez? — digo, a tentar, sem conseguir, não denunciar a irritação que sinto na voz. — De certeza que estamos perto.

Ao contrário de mim, o meu marido envelheceu extraordinariamente bem. Os mais de quarenta anos que já conta estão inteligentemente disfarçados por um bom corte de cabelo, uma pele bronzeada e um corpo delineado por um excesso de meias-maratonas. Sempre foi muito bom a correr para longe, sobretudo da realidade.

O Adam é argumentista. Começou muito abaixo do primeiro degrau da escada retrátil de Hollywood, incapaz de a alcançar sozinho. Diz às pessoas que foi direto da escola para a indústria cinematográfica, o que não chega a ser uma mentira inocente. Arranjou um emprego no Electric Cinema em Notting Hill quando tinha dezasseis anos, a vender comes e bebes e bilhetes. Aos vinte e um anos já tinha vendido os direitos do primeiro argumento. *Pedra, Papel ou Tesoura* nunca passou da fase

de desenvolvimento, mas o Adam conseguiu um agente com o negócio, e o agente arranhou-lhe trabalho, a escrever a adaptação de um romance. O livro não era dos mais vendidos, mas a versão cinematográfica — um filme britânico de baixo orçamento — venceu um Bafta e confirmou o nascimento de um argumentista. Não era com ver as suas próprias personagens a ganhar vida no grande ecrã — as estradas para os nossos sonhos raramente são diretas —, mas significou que o Adam pôde deixar de vender pipocas para começar a escrever a tempo inteiro.

Os argumentistas não costumam ser muito conhecidos, pelo que algumas pessoas podem não o saber, mas eu estaria disposta a apostar dinheiro em como já viram pelo menos um dos filmes que ele escreveu. Apesar dos nossos problemas, tenho imenso orgulho em tudo o que ele conseguiu alcançar. O Adam Wright ficou conhecido no setor por ser capaz de transformar romances desconhecidos em filmes que são sucessos de bilheteira e continua a estar sempre à espreita do próximo. Admito que, de vez em quando, fico com ciúmes, mas acho que é natural dado o número de vezes em que ele prefere levar um livro para a cama. O meu marido não me trai com outras mulheres, nem como homens. Tem casos amorosos com as palavras que os outros escrevem.

Os seres humanos são uma espécie estranha e imprevisível. Eu prefiro a companhia de animais, que é uma das muitas razões por que trabalho num canil chamado Battersea Dogs Home. As criaturas de quatro patas tendem a ser melhores companhias do que as de duas, e os cães não guardam rancores nem sabem odiar. Preferia não pensar nas outras razões por que trabalho naquele lugar; às vezes o melhor que podemos fazer é não limpar o pó das nossas memórias.

A vista para lá do para-brisas durante a nossa viagem foi uma paisagem dramática em constante mutação. Vimos árvores em todos os tons de verde, enormes lagos reluzentes, montanhas com cumes cobertos de neve e uma imensidão de espaço perfeito e intocado. Estou apaixonada pelas Terras Altas da Escócia. Se existir algum lugar mais bonito na Terra, ainda estou por o descobrir. O mundo parece muito maior aqui do que em Londres. Ou talvez eu seja menor. A mansidão queda e remota de tudo traz-me paz. Não vemos viva alma há mais de uma hora, o que faz deste o lugar perfeito para o que tenho planeado.

Passamos por um mar revolto à nossa esquerda e continuamos rumo a norte, acompanhados pelas melodias das ondas a bater. Quando a estrada sinuosa se faz caminho estreito, o céu — que já foi azul, cor-de-rosa, roxo e agora é preto — é refletido por cada um dos lagos parcialmente congelados por que passamos. Mais longe da costa, a floresta envolve-nos. Pinheiros ancestrais, salpicados por neve, e mais altos do que a nossa casa, são sacudidos pela tempestade como se de fósforos se tratasse. O vento uiva como um fantasma em volta do carro, sempre a tentar desviar-nos do nosso caminho, e, quando deslizamos um pouco na estrada gelada, eu agarro o volante com tanta força, que os ossos dos meus dedos parecem levantar-se da minha pele. Reparo na aliança que trago no dedo. Um forte lembrete de que ainda estamos juntos, apesar de todas as razões por que talvez devêssemos estar separados. A nostalgia é uma droga perigosa, mas eu gosto da sensação de memórias mais felizes a inundar-me o espírito. Talvez não estejamos tão perdidos como pensamos. Laço um olhar de relance para o homem sentado ao meu lado e penso se ainda teremos a possibilidade de encontrar um caminho de volta para ambos. Depois faço algo que não fazia há muito tempo e estendo o braço para lhe pegar na mão.

— Trava! — grita o Adam.

Acontece tudo muito depressa. A imagem desfocada e coberta de neve de um veado no meio da estrada à nossa frente, o meu pé a carregar no travão, o carro a desviar-se e a girar antes de resvalar e parar à frente do cervo com enormes cornos. O animal pestaneja duas vezes na nossa direção antes de se afastar calmamente como se nada tivesse acontecido, desaparecendo no meio da floresta. Até as árvores parecem estar com frio.

Sinto o coração a palpitar no peito quando estendo a mão para a minha mala de mão. Os dedos trémulos tocam a mala, as chaves e quase todos os outros conteúdos antes de encontrarem o inalador. Sacudo-o e sorvo-o uma vez.

— Estás bem? — pergunto, antes de o sorver mais uma vez.

— Eu avisei-te que isto era má ideia — responde o Adam.

Já mordi a língua tantas vezes durante esta viagem, que deve estar cheia de buracos.

— Não me lembro de teres tido uma melhor — atiro.

— Uma viagem de carro de oito horas para um fim de semana fora...

— Andamos a dizer que seria bom visitarmos as Terras Altas há tanto tempo.

— Também poderia ser bom visitarmos a Lua, mas eu preferia que falássemos sobre o assunto antes de reservarmos um foguetão. Sabes bem que tenho andado muito ocupado ultimamente.

— Ocupado — tornou-se uma palavra-gatilho no nosso casamento. O Adam usa o trabalho sem fim como se fosse um emblema. Como um escuteiro. É algo de que se orgulha: um símbolo de estatuto do sucesso que alcançou. Faz com que se sinta importante, e faz-me querer atirar-lhe com os romances que adapta à cabeça.

— Estamos na situação em que estamos porque estás sempre ocupado — digo a cerrar os dentes que não param de bater. Está tanto frio no carro neste momento, que eu consigo ver a minha própria respiração.

— Desculpa, estás a querer dizer que eu é que tenho culpa por estarmos na Escócia? Em fevereiro? No meio de uma tempestade? A ideia de irmos para aqui foi tua. Pelo menos, quando morrermos esmagados por uma árvore caída ou de hipotermia nesta lata velha que insistes em conduzir, vou deixar de ouvir as tuas queixas constantes.

Nunca discutimos desta maneira em público, só em privado. Somos ambos muito bons a manter as aparências e eu já percebi que as pessoas veem o que querem ver. Mas, entre quatro paredes, as coisas não estão bem com o Sr. e a Sra. Wright há muito tempo.

— Se eu tivesse o telemóvel comigo, já lá estaríamos a esta hora — diz ele, a vasculhar o porta-luvas em busca do precioso telemóvel, que não consegue encontrar. O meu marido acha que engenhocas e jigajogas são a resposta para todos os problemas da vida.

— Eu perguntei-te se tinhas tudo o que precisavas antes de sairmos de casa — digo.

— Eu *tinha* tudo. O telemóvel estava no porta-luvas.

— Se assim fosse, ainda aí estaria. Não me cabe a mim arrumar as tuas coisas. Não sou a tua mãe.

Arrependo-me imediatamente de o dizer, mas as palavras não trazem recibos que possamos apresentar para as devolvermos. Há muitas coisas sobre as quais o Adam não gosta de falar e a mãe é a primeira da lista. Tento ser paciente enquanto ele continua à procura do telemóvel, embora saiba que nunca o vai encontrar. O Adam tem razão. É verdade que o pôs no porta-luvas. Mas eu tirei-o antes de sairmos esta manhã e escondi-o em casa. Tenho intenção de dar uma lição importante ao meu marido neste fim de semana e ele não precisa do telemóvel para isso.

Quinze minutos depois, estamos de volta à estrada e, aparentemente, a avançar. O Adam estreita os olhos na escuridão para ler as direções que eu imprimi. Qualquer coisa escrita num papel e não num ecrã parece confundi-lo, a menos que se trate de um livro ou de um manuscrito

— Temos de virar na primeira à direita na próxima rotunda — diz, com um tom mais confiante do que eu esperava.

Pouco depois, dependemos da lua para nos iluminar o caminho e nos dar uma ideia dos altos e baixos da paisagem coberta de neve à nossa frente. Não há postes de iluminação e os faróis do Morris Minor quase não nos deixam ver a estrada. Reparo que estamos novamente com pouca gasolina, mas não vejo nenhum lugar para encher o depósito há quase uma hora. A neve não nos dá descanso e não vemos nada a não ser os contornos escuros das montanhas e dos lagos há muitos quilómetros.

Quando, por fim, vemos um velho sinal coberto de neve a dizer Blackwater, o alívio no carro é evidente. O Adam lê as últimas direções com algo que se aproxima de entusiasmo.

— Atravessa a ponte e vira à direita quando passares por um banco com vista para o lago. A estrada vai virar à direita e levar-nos para um vale. Se passares por um *pub*, já terás andado demais e falhado o caminho para a propriedade.

— Um jantar no *pub* pode ser boa ideia mais logo — sugiro.

Nenhum de nós diz nada quando vemos o Blackwater Inn à distância. Viro antes de chegar ao *pub*, mas, ainda assim, passamos suficientemente perto para ver que as janelas estão tapadas com tábuas. O fantasmagórico edifício parece estar abandonado há muito tempo.

O sinuoso caminho que desce para o vale é ao mesmo tempo espetacular e aterrador. Parece ter sido esculpido na montanha à mão e é tão estreito, que quase não tem espaço para o nosso carrinho. Além disso, não tem nenhuma barreira de contenção de lado apesar do declive deveras acentuado.

— Acho que estou a ver alguma coisa — diz o Adam, a inclinar-se para o para-brisas com os olhos postos na escuridão. Eu só consigo ver um céu preto e um manto branco a cobrir tudo mais abaixo.

— Onde?

— Ali. Logo depois daquelas árvores.

Eu abrando um pouco quando o vejo a apontar para o vazio. Mas depois distingo o que me parece um enorme edifício branco isolado à distância.

— É só uma igreja — diz ele, num tom derrotista.

— É isso! — digo, a ler um velho letreiro de madeira mais à frente. — É a Capela de Blackwater que procuramos. Deve ser aqui.

— Fizemos este caminho todo para ficarmos numa... igreja velha?

— Uma capela convertida, sim, e fui *eu* que conduzi este caminho todo.

Abrando ainda mais e sigo o caminho de terra coberto de neve que vai da estrada de uma única faixa para o fundo do vale. Passamos por um casebre com telhado de palha minúscula à direita — o único edifício que vejo além da capela em quilómetros —, atravessamos uma ponte pequena e vemo-nos imediatamente perante um rebanho de ovelhas. Estão todas reunidas, iluminadas de forma sinistra pelos faróis do carro e a bloquear-nos o caminho. Carrego no acelerador devagar só para fazer barulho e tento acionar a buzina, mas elas não se mexem. Com os olhos a brilhar na escuridão, parecem um pouco sobrenaturais. Depois ouço o som de rosnadelas nas traseiras do carro.

O *Bob* — o nosso labrador preto — manteve-se calmo durante a maior parte da viagem. Na idade dele, passa do dia a dormir e a comer, mas tem medo de ovelhas. E de penas. Eu também tenho medo de coisas estúpidas, mas tenho razões para isso. As rosnadelas do *Bob* não fazem nada para assustar o rebanho. O Adam abre a porta do carro sem avisar e somos inundados por uma revoada de neve, que nos

fustiga, vinda de todas as direções. Vejo-o a sair, a proteger o rosto, e a enxotar as ovelhas, antes de abrir uma cancela que estava oculta. Não sei como é que ele a viu no escuro.

O Adam volta para o carro sem dizer nada, e fazemos o resto do percurso muito devagar. O caminho fica perigosamente perto do limiar do lago e eu percebo porque chamaram Blackwater a este lugar. Quando paro junto à velha capela branca, começo a sentir-me melhor. Foi uma viagem muito cansativa, mas conseguimos, e eu digo a mim mesma que vai ficar tudo bem assim que entrarmos.

Sair do carro e ficar à mercê da tempestade de neve é um choque para o sistema. Enrolo o sobretudo no corpo, mas o frio cortante não deixa de me gelar o ar nos pulmões e a neve açoitava-me o rosto. Tiro o *Bob* pela porta da bagageira e vamos os três com o passo arrastado pela neve em direção a duas enormes portas com aspeto gótico. Uma capela convertida parecia uma ideia romântica à partida. Pouco convencional e divertida. Mas agora que chegámos, parece um pouco o início do nosso próprio filme de terror.

As portas da capela estão trancadas.

— Os proprietários disseram alguma coisa sobre alguma caixa com a chave? — pergunta o Adam.

— Não, só disseram que as portas iriam estar abertas — respondo.

Levanto a cabeça para o edifício alto e imponente, protegendo os olhos da neve incessante e observo com atenção as grossas paredes brancas de pedra, a torre sineira e as janelas de vitral. O *Bob* começa a rosnar outra vez, o que é pouco habitual nele. Será que há mais ovelhas ou outros animais à distância? Algo que eu e o Adam não conseguimos ver?

— Talvez haja outra porta nas traseiras? — sugere o Adam.

— Espero que tenhas razão. Olhando para o carro, já parece que vai ter de ser desenterrado da neve.

Dirigimo-nos devagar para o lado da capela, com o *Bob* à frente, a esticar a trela como se estivesse a farejar alguma coisa. Embora haja vitrais sem fim, não encontramos mais nenhuma porta. E, apesar de a frente do edifício estar iluminada por luzes exteriores — as que conseguíamos ver à distância —, o interior está completamente escuro.

Continuamos, as cabeças vergadas contra o clima inclemente até chegarmos ao ponto de partida.

— E agora? — pergunto.

Mas o Adam não responde.

Levanto a cabeça, protegendo os olhos da neve, e vejo que ele está a olhar fixamente para a frente da capela. As enormes portas de madeira estão abertas para trás.

ADAM



Se todas as histórias tivessem um final feliz, nós não teríamos nenhuma razão para começar de novo. A vida tem tudo que ver com escolhas e com aprendermos a levantar-nos quando caímos. Que é o que todos fazemos. Mesmo as pessoas que fazem de conta que não. Não é por não ser capaz de reconhecer o rosto da minha mulher que não sei quem ela é.

— As portas estavam fechadas há pouco, não estavam? — pergunto, mas a Amelia não responde.

Estamos lado a lado à porta da capela, ambos a tremer, com a neve a cair de todas as direções à nossa volta, impulsionada pelo vento. Até o *Bob* parece infelicíssimo, e é um animal que está sempre feliz. Foi uma viagem longa e aborrecida, que o rufo constante de uma dor de cabeça na base do meu crânio só ajudou a piorar. Bebi mais do que devia com uma pessoa com quem não o devia ter feito ontem à noite. Outra vez. Diga-se, porém, em abono do álcool, que fiz coisas igualmente estúpidas em situações em que estava completamente sóbrio.

— É melhor não tirarmos conclusões precipitadas — diz a minha mulher por fim, mas parece-me que já nos passaram várias pela cabeça.

— As portas não se abriram sozinhas...

— Talvez a governanta nos tenha ouvido a bater à porta — interrompe ela.

— A governanta? Em que *site* é que fizeste a reserva, afinal?

— Não foi num *site*. Ganhei um fim de semana fora numa rifa de Natal lá do pessoal da empresa.

Não respondo durante alguns segundos, mas o silêncio tem a capacidade de esticar o tempo e de o fazer parecer mais comprido. Ainda por cima, sinto a cara tão gelada neste momento, que não tenho a certeza de que seja capaz de mexer a boca. Mas, afinal, vejo que sim.

— Só para ver se eu percebi... ganhaste um fim de semana fora numa igreja velha na Escócia numa rifa do pessoal do Battersea Dogs Home?

— É uma capela, mas sim. Qual é o problema? Fazemos uma rifa todos os anos. As pessoas doam presentes, e, por uma vez, ganhei uma coisa boa.

— Ótimo — respondo. — Não há dúvida de que até agora tem sido bastante «boa».

Ela sabe que eu detesto viagens compridas. Detesto carros e conduzir, ponto final — nunca fiz sequer um exame —, pelo que oito horas enfiado naquela antiguidade que parece uma lata de sardinhas com quatro rodas no meio de uma tempestade não é a minha ideia de divertimento. Olho para o cão em busca de apoio moral, mas o *Bob* está demasiado ocupado a tentar comer flocos de neve que vão caindo do céu. A *Amélia*, a sentir a derrota, usa o tom monocórdico passivo-agressivo que costumava divertir-me. Hoje em dia, dá-me vontade de ser surdo.

— Entramos? Aproveitar enquanto podemos? Se for muito mau, vamo-nos embora, procuramos um hotel ou dormimos no carro se tiver de ser.

Preferia comer o meu próprio fígado a voltar para o carro da minha mulher.

Ultimamente, a *Amélia* está sempre a dizer as mesmas coisas, repete-as até à exaustão, mas as palavras parecem sempre um beliscão ou uma bofetada. «Não te compreendo» é a que mais me irrita, porque

não há nada para compreender. Ela gosta mais de animais do que das pessoas; eu prefiro a ficção. Creio que os verdadeiros problemas começaram quando começamos a preferir essas coisas ao outro. Parece que as condições estipuladas para a nossa relação foram esquecidas ou nunca chegaram a ser lidas como devia ser. Afinal, eu não era propriamente viciado em trabalho quando nos conhecemos. Ou um «viciado na escrita», como ela gosta de dizer. Todas as pessoas são viciadas e todos os viciados desejam a mesma coisa: uma fuga da realidade. Por acaso, o meu trabalho é a minha droga preferida.

O mesmo, mas diferente, é o que digo a mim mesmo quando começo um argumento novo. É o que acho que as pessoas querem, e para quê mudar os ingredientes de uma fórmula vencedora? Percebo logo nas primeiras páginas de um livro se vai funcionar no ecrã ou não, o que é bom, porque me enviam livros de mais para os ler a todos. Mas ser bom naquilo que faço não significa que vá continuar a querer fazê-lo durante o resto da vida. Tenho as minhas próprias histórias para contar. Mas Hollywood já não está interessada em originalidade, só quer transformar livros em filmes ou séries, como quem transforma vinho em água. Diferente, mas mais do mesmo. Mas será que esta regra se aplica aos relacionamentos? Se desempenharmos os mesmos papéis tempo demais num casamento, não será inevitável que nos venhamos a aborrecer da história e desistir, ou desligarmo-nos antes do fim?

— Vamos? — pergunta a Amelia, interrompendo-me o raciocínio enquanto olha para a torre sineira que se eleva acima da capela sinistra.

— Primeiro as senhoras. — Não pode dizer que não sou um cavaleiro. — Vou buscar as malas ao carro — acrescento, ansioso por aproveitar os últimos segundos a sós antes de entrarmos.

Passo muito tempo a tentar não ofender as pessoas: os produtores, os executivos, os atores, os agentes, os autores. Se a isso acrescentarmos a minha cegueira facial, acho que é justo dizer que atingi um nível olímpico quando se trata de medir todos os meus passos. Uma vez falei com um casal num casamento durante dez minutos antes de me aperceber de que eram a noiva e o noivo. *Ela* não estava a usar um vestido tradicional, e *ele* parecia um clone dos padrinhos. Mas consegui desembaraçar-me, porque seduzir as pessoas faz parte do meu

trabalho. Fazer com que um autor me confie a escrita do argumento a partir do seu romance pode ser mais difícil do que persuadir uma mãe a deixar que um estranho tome conta do seu primeiro filho. Mas eu sou bom a fazê-lo. Infelizmente, parece que me esqueci de como seduzir a minha mulher.

Nunca digo às pessoas que tenho prosopagnosia. Em primeiro lugar, não quero que isso me defina, e, para dizer a verdade, quando me conhecem, as pessoas não querem falar de mais nada. Não preciso, nem quero, que ninguém tenha pena de mim e não gosto que me façam sentir um esquisitoide. O que as pessoas parecem nunca compreender é que, para mim, é normal não ser capaz de reconhecer rostos. É só uma anomalia na minha programação; uma disfunção que não pode ser corrigida. Não quer com isto dizer que estou satisfeito com isso. Imagine-se o que é não sermos capazes de reconhecer os nossos amigos ou a nossa família? Ou não saber como é o rosto da nossa mulher? *Detesto* ir ter com a Amelia a restaurantes com medo de me sentar à mesa errada. Se dependesse de mim, levaria comida para casa todos os dias. Às vezes, não reconheço sequer o meu próprio rosto quando me olho ao espelho. Mas aprendi a viver com isto. Como todos aprendemos a fazer quando a vida é menos generosa para connosco.

Acho que também aprendi a viver com um casamento que não é particularmente generoso para mim. Mas não é o que fazemos todos? Não estou a ser derrotista, só honesto. Não é disto que se fazem os relacionamentos bem-sucedidos? De compromisso? Será que há algum casamento verdadeiramente *perfeito*?

Amo a minha mulher. Mas acho que não gostamos tanto um do outro como gostávamos noutros tempos.

— Está aqui quase tudo — digo, quando volto para junto dela nos degraus da capela, albardado com mais malas do que vamos precisar para um par de noites fora. Ela olha com cara feia para o meu ombro como se a tivesse ofendido.

— Isso é a mala do teu portátil? — pergunta, sabendo perfeitamente que é.

Não sou propriamente um novato, pelo que não posso explicar nem desculpar o meu erro. Imagino a Amelia a puxar o cartão

«Vá diretamente para a prisão». Não estamos a começar bem. Não vou poder escrever nem passar pela Casa de Partida este fim de semana. Se o nosso casamento fosse um jogo de Monopólio, a minha mulher cobrar-me-ia o dobro sempre que eu caísse num dos hotéis dela.

— Prometeste que *não* ias trabalhar — diz ela com aquele tom de desilusão e queixume que se tornou tão familiar. O meu trabalho pagou-nos a casa e as férias; nunca a ouvi a queixar-se disso.

Quando penso em tudo o que temos — uma boa casa em Londres, uma vida boa, dinheiro no banco —, penso o mesmo de sempre: *devíamos* ser felizes. Mas as coisas que não temos são mais difíceis de ver. A maioria dos amigos da nossa idade tem pais mais velhos ou crianças com que se preocupar, mas nós só nos temos um ao outro. Não temos pais, nem irmãos, nem filhos; somos só nós. Sempre tivemos em comum uma falta de pessoas a quem amar. O meu pai foi-se embora quando eu era demasiado novo para me lembrar do que quer que fosse sobre ele e a minha mãe morreu quando eu ainda estava na escola. A infância da minha mulher não teve menos de *Oliver Twist*. Já era órfã antes de nascer.

O *Bob* salva-nos de nós próprios quando se lembra de rosnar novamente virado para as portas da capela. É estranho, porque ele *nunca* rosna, mas a distração ajuda-me. É difícil acreditar que ele não passava de um cachorrinho minúsculo, abandonado numa caixa de sapatos e atirado para o lixo. Desde então, cresceu e tornou-se o maior labrador preto que eu já vi. Hoje já tem um conjunto de pelos brancos no queixo e anda mais devagar do que era habitual, mas o cão continua a ser o único capaz de amor incondicional na nossa família de três. Tenho a certeza de que toda a gente pensa que o tratamos como um sucedâneo de um filho, mesmo que ninguém o diga por uma questão de educação. Eu sempre disse que não me importava de não ter um filho. As pessoas que não podem escolher os nomes dos filhos têm a oportunidade de escolher um futuro diferente. Além disso, o que adianta querermos algo que não podemos ter? Agora já é tarde para pensar nisso.

Normalmente, não sinto que tenho quarenta anos. Às vezes tenho dificuldade em perceber para onde foram os anos e quando deixei de ser um rapaz para começar a ser um homem. Talvez tenha algo que

ver com ter um emprego que adoro. O meu trabalho faz-me sentir jovem, mas a minha mulher faz-me sentir velho. A terapeuta matrimonial foi uma ideia da Amelia e esta viagem foi ideia de ambas. A dita especialista, «Tratem-me por Pamela», achava que um fim de semana *fora* podia ajudar-nos. Suponho que os fins de semana e as noites que passámos juntos em *casa* não produziram efeitos. As visitas semanais em que partilhamos aquilo que há de mais privado nas nossas vidas com uma perfeita desconhecida não nos custam apenas os honorários exorbitantes que ela cobra. Por nos cobrar aquele dinheiro, e por várias outras razões, faço questão de a tratar por Pammy ou Pam sempre que a vemos. A «Tratem-me por Pamela» não gostou, mas eu também não gostei muito dela, de maneira que ajudou a equilibrar as coisas. A minha mulher não queria que mais ninguém soubesse que estávamos a ter problemas, mas eu desconfio que tenha havido quem tivesse reparado. A maioria das pessoas consegue ver que há coisas escritas na parede, mesmo que nem sempre consiga ler o que dizem.

Poderá um fim de semana fora salvar um casamento? Foi isto que a Amelia disse quando a «Tratem-me por Pamela» o sugeriu. Eu acho que não. E foi por isso que engendrei o meu próprio plano antes de concordar com o dela. Mas agora estamos aqui... a subir os degraus da capela... e não sei se o vou poder colocar em prática.

— Tens a certeza de que queres fazer isto? — pergunto, parando imediatamente antes de entrar.

— Tenho. Porquê? — pergunta ela, como se não estivesse a ouvir o cão a rosnar e o vento a uivar.

— Não sei. Há algo que não bate certo...

— Isto não é uma história de terror escrita por um dos teus escritores preferidos, Adam. Isto é a vida real. Se calhar foi o vento que abriu as portas.

Ela pode dizer o que quiser, mas as portas estavam mais do que fechadas. Estavam trancadas e ambos o sabemos.

Damos por nós num espaço a que as pessoas finas chamam zona de descalçar e eu pouso as malas. Em redor dos meus pés, forma-se uma poça de neve derretida. O chão de pedra parece antigo e há um espaço de armazenamento embutido na parede das traseiras com cubículos de

madeira rústicos desenhados para botas. Além disso, há filas de ganchos para casacos, todos eles vazios. Nós não tiramos os sapatos nem os casacos cobertos de neve, em parte porque está tanto frio aqui como estava lá fora, mas também porque não temos a certeza de que vamos ficar.

Uma parede esta coberta de espelhos, todos eles pequenos, em nada maiores do que uma mão. Têm muitos formatos e tamanhos diferentes, estão envolvidos por molduras de metal intrincadas e foram pendurados aleatoriamente com pregos enferrujados e cordéis rústicos. Deve haver uns cinquenta reflexos dos nossos rostos a olhar para nós. É quase como se todas as versões de nós mesmos em que nos transformámos para tentar fazer com que o nosso casamento resultasse se tivessem reunido para olhar de cima para baixo para aquilo que nos tornamos. Uma parte de mim está contente por não ser capaz de as reconhecer. Não sei se gostaria do que veria se fosse.

E este não é o único aspeto interessante da decoração interior. Os crânios e os chifres de dois veados foram montados como troféus na parede caída mais distante, com quatro penas brancas a sair do local onde antes devia haver olhos. É um pouco estranho, mas a minha mulher olha um pouco mais de perto, fascinada, como se estivesse a visitar uma galeria de arte. Há um velho banco de igreja no canto que me chama a atenção. Parece antigo e está coberto de pó, como se ninguém tivesse estado aqui há muito tempo. Em matéria de primeiras impressões, esta não é das melhores.

Lembro-me de como eu e a Amelia éramos juntos no início. Havia uma química instantânea: gostávamos da mesma comida, dos mesmos livros e o sexo era o melhor que eu já tinha tido. Tudo o que conseguia e o que não conseguia ver nela era lindo. Tínhamos muito em comum e queríamos as mesmas coisas na vida. Ou, pelo menos, era o que eu pensava. Hoje em dia, parece que ela quer outra coisa. Talvez outra pessoa. Porque não fui eu que mudei.

— Não precisas de fazer desenhos no pó para mostrares que tens razão — diz a Amelia. Olho para o rosto sorridente pequeno e infantil a que ela se está a referir no banco da igreja. Não tinha reparado que lá estava.

Não fui eu que o desenhei.

As enormes portas de madeira para a rua fecham-se com estrondo antes de eu me poder defender.

Damos ambos meia-volta, mas não vemos ninguém além de nós. Todo o edifício parece tremer, os espelhos minúsculos na parede abanam um pouco nos pregos enferrujados e o cão solta um ganido. A Amelia olha para mim, os olhos arregalados, e a boca num O perfeito. A minha mente tenta encontrar uma explicação racional, porque é o que faz sempre.

— Achavas que o vento teria aberto as portas... talvez as tenha fechado — digo, e a Amelia assente com a cabeça.

A mulher com quem casei há mais de dez anos nunca acreditaria nisto. Mas, hoje em dia, a minha mulher só ouve e só vê o que quer.

PEDRA



Palavra do ano:

limerência *nome*. Estado de espírito involuntário provocado por uma atração romântica por outra pessoa combinada com uma necessidade obsessiva de que o sentimento seja correspondido.

Outubro de 2007

Querido Adam,

Foi algo à primeira vista quando nos conhecemos.

Não sabia ao certo o quê, mas sei que sentiste o mesmo.

O Electric Cinema foi um primeiro encontro com uma peculiaridade. Tínhamos ambos ido ver um filme sozinhos, mas eu sentei-me no teu lugar por engano, começámos a falar e saímos juntos quando o filme acabou. Toda a gente pensou que éramos doidos e que o romance em turbilhão não iria durar, mas sempre me deu grande

satisfação provar que as pessoas estavam erradas. E a ti também. É uma das muitas coisas que temos em comum.

Confesso que, quando fomos viver juntos, não foi exatamente como eu imaginava. É mais difícil escondermos o ~~nosso lado mais sombrio~~ quem somos de verdade de uma pessoa com a qual vivemos, e tu eras muito mais eficaz a esconder toda a confusão quando eu só te ia visitar. Rebatizei o corredor de Rua das Histórias, por estar tão coberto de pilhas precárias de manuscritos e livros, que temos de andar de lado para passar por ele. Eu sabia que ler e escrever era uma grande parte da tua vida, mas talvez tenhamos de encontrar algo maior agora que eu também vivo aqui. Mas estou muito feliz. Habituei-me a ser segundo violino na nossa orquestra e aceito que haverá sempre três elementos no nosso relacionamento: tu, eu e a tua escrita.

Foi o motivo da nossa primeira grande discussão, lembraste-te? Provavelmente, devia ter tido o cuidado de não andar a vasculhar as gavetas da tua secretária, mas estava à procura de fósforos. Foi então que encontrei o manuscrito do *Pedra, Papel ou Tesoura*, com o teu nome todo bonitinho em Times New Roman na primeira página. Tinha o apartamento só para mim e uma boa garrafa de vinho, pelo que o li todo naquela noite. Pela expressão na tua cara quando voltaste para casa, até parecia que tinha lido o teu diário.

Mas acho que agora compreendo. Aquele manuscrito não era só uma história por vender; era como uma criança abandonada. O *Pedra, Papel ou Tesoura* foi o teu primeiro argumento, mas nunca chegou aos ecrãs. Colaboraste com três produtores, dois realizadores e um ator de topo. Passaste anos e anos a escrever esboços sem fim, mas nunca passou da fase de desenvolvimento. Deve ser complicado para ti perceberes que a tua história preferida foi esquecida, abandonada na gaveta de uma secretária, mas acho que não vai ficar assim para sempre. Tornei-me a tua primeira leitora oficial desde então — e orgulho-me muito dessa função — e a tua escrita melhora a cada dia que passa.

Eu sei que preferias ver as tuas próprias histórias feitas filmes, mas, por agora, tens de te contentar com as das outras pessoas.

Ainda não me habituei completamente à quantidade de tempo que passas a ler os romances deles só porque alguém, algures, acha que podem funcionar no ecrã. Mas eu já te vi a desaparecer dentro de um livro como um coelho dentro de uma cartola de um ilusionista, e aprendi a aceitar que às vezes és um pouco egocêntrico não vens à tona durante dias.

Felizmente, os livros são outra coisa que temos em comum, embora me pareça justo afirmar que temos gostos diferentes. Tu gostas de histórias de terror, o que está longe de ser a minha praia. Sempre achei que as pessoas que escrevem ficção sombria e retorcida devem ter um problema muito sério na cabeça. Eu prefiro uma boa história de amor. Mas tentei ser compreensiva em relação ao teu trabalho, embora às vezes fique magoada quando decides passar o tempo num mundo de fantasia e não aqui no mundo real comigo.

Acho que foi por isso que fiquei tão zangada quando disste que não podíamos ter um cão. Eu nunca deixei de te apoiar, a ti e à tua carreira, desde que nos conhecemos, mas às vezes tenho receio de que o nosso futuro seja, na verdade, só o teu. Sei que trabalhar no Battersea Dogs Home não é tão glamoroso como ser argumentista, mas eu gosto do meu trabalho e sinto-me feliz com ele. As tuas razões para não termos um cão eram racionais (tu és sempre racional). O apartamento é extraordinariamente pequeno, e trabalhamos ambos muitas horas, mas eu sempre disse que podia levar o cão comigo para o trabalho. Afinal, tu trazes o trabalho para casa.

Vejo cachorrinhos abandonados todos os dias, mas este era diferente. Mal vi aquela bola linda de pelo preto, sabia que não queria mais nenhum. Quem é o monstro que põe um labrador minúsculo numa caixa de sapatos, o atira para uma lixeira e o deixa à mercê da morte? O veterinário disse que ele não tinha mais de seis semanas e a raiva tomou conta de mim. Sei bem o que é sermos abandonados por alguém que nos deveria amar. Não há nada pior.

Quis trazer o cão para casa logo no dia seguinte, mas tu disste que não e eu fiquei destroçada pela primeira vez desde que nos conhecemos. Pensei que ainda teria tempo para te convencer,

mas, no dia seguinte, uma das rececionistas do Battersea foi ao meu escritório para me dizer que havia uma pessoa que o queria adotar. Cabe-me a mim avaliar os potenciais donos de animais de estimação, pelo que, quando ia no corredor para a conhecer, tive a secreta esperança de que não fosse a pessoa adequada. Se depender de mim, nenhum animal vai para uma casa onde não vá ser amado.

A primeira coisa que eu vi quando entrei na sala de espera foi o cãozinho. Sozinho sentado no meio do chão frio de pedra. Era uma coisinha tão minúscula na altura. Depois reparei na coleirinha vermelha que lhe envolvia o pescoço e no crachá prateado em forma de osso com o nome. Não fazia sentido. Eu ainda nem tinha conhecido os potenciais donos, pelo que eles não tinham o direito de se comportar como se o cão já fosse deles. Peguei no cão ao colo para olhar melhor para a inscrição no metal reluzente:

CASAS COMIGO?

Quase que o deixei cair.

Não sei o que a minha cara fez quando saíste de trás da porta. Sei que chorei. Lembro-me de que metade da minha equipa parecia estar a olhar para nós pela janela de observação. Também tinham lágrimas nos olhos e sorrisos rasgados nos rostos. Toda a gente estava a par de tudo menos eu! Quem diria que eras tão bom a guardar segredos?

Lamento não ter dito que sim imediatamente. Acho que entrei em choque quando te apoiaste sobre um joelho. Quando vi o anel de noivado com uma safira — que eu sabia que era da tua mãe —, fui tomada por uma onda de emoções que não fui capaz de processar. E, com toda a gente a olhar para nós, fiquei completamente assoberbada.

«Acho que o melhor é tomarmos as decisões importantes da vida com um jogo de pedra, papel ou tesoura», disse-te, em jeito de provocação, porque acredito tanto na tua escrita como acredito em nós e acho que nunca deveremos desistir de nenhuma das duas.

Tu sorriste.

«Então, só para esclarecer, se eu perder, é um sim?»

Eu assenti com a cabeça e cerrei o punho.

A minha tesoura cortou o teu papel, como acontece sempre que jogamos este jogo, pelo que não foi um risco muito grande. Sempre que ganho em alguma coisa, gostas de pensar que foste tu que me deixaste.

Durante os primeiros meses da nossa relação, eu gozava contigo por usares demasiadas palavras compridas e tu gozavas comigo por eu não saber o que queriam dizer.

«Não sei se isto é limerência ou amor», foi o que me disseste quando me beijaste pela primeira vez. Tive de ir ver o que significava quando cheguei a casa. As coisas estranhas de que te lembravas aliadas à disparidade do nosso vocabulário deram início à nossa tradição da «palavra do dia» antes de irmos para a cama. A tua é melhor do que a minha na maior parte das vezes por eu te deixar ganhar de vez em quando. Talvez devêssemos começar a ter uma palavra do ano? A deste ano devia ser «limerência», ainda tenho um fraquinho por essa.

Eu sei que consideras que as palavras são importantes — o que faz sentido dada a carreira que escolheste —, mas eu apercebi-me recentemente de que as palavras são só palavras, uma série de letras, organizadas numa certa ordem, provavelmente na língua que aprendemos desde que nascemos. Hoje em dia, as pessoas não têm cuidado com as palavras que usam. Atiram-nas de qualquer maneira para um texto ou um tweet, escrevem-nas, fazem de conta que as leem, distorcem-nas, citam-nas erradamente, mentem com elas, sem elas e sobre elas. Roubam-nas e depois desfazem-se delas. Pior ainda, esquecem-se delas. As palavras só têm valor se nos lembrarmos de sentir o que significam. Nós não nos vamos esquecer, pois não? Gosto de pensar que o que nós temos é mais do que meras palavras.

Ainda bem que encontrei o teu argumento secreto escondido na tua secretária, e compreendo porque é mais importante para ti do que qualquer outra coisa que tenhas escrito. Ler o *Pedra, Papel ou Tesoura* foi como aceder a um pequeno vislumbre a tua alma; uma parte de ti que não estavas ainda preparado para me mostrar, mas nós não devíamos guardar segredos um do outro nem de

nós próprios. A tua história de amor sombria e retorcida sobre um homem que escreve uma carta para a mulher todos os anos no aniversário de casamento, mesmo depois de ela morrer, inspirou-me a começar a escrever cartas da minha própria lavra. Para ti. Uma vez por ano. Ainda não sei se as vou partilhar contigo, mas talvez um dia os nossos filhos possam vir a ler como escrevemos a nossa própria história de amor e vivemos felizes para sempre.

A tua futura mulher

Bjs.